

UMA DIALÉTICA CAMARADA
LÍDIO SANTOS: A Força de Um Ideal



Aracaju
Junho de 2016

CERIVALDO PEREIRA FILHO

UMA DIALÉTICA CAMARADA
LÍDIO SANTOS: A força de um ideal

Epígrafe:

Eles eram poucos

E nem puderam cantar muito alto a Internacional

Naquela casa de Niterói em 1922.

Mas cantaram e fundaram o Partido.

Eles eram apenas nove:

O jornalista Astrogildo, o contador Cordeiro, o gráfico Pimenta, o sapateiro José Elias, o vassoureiro Luiz Perez, os alfaiates Cedon e Barbosa, o ferroviário Hermogêneo, e ainda o barbeiro Nequete, que citava Lênin a três por dois.

Em todo o país eles não eram mais de setenta

Mas tinham sede de justiça e estavam dispostos a lutar por ela.

Faz sessenta anos (hoje 94) que isto aconteceu

O PCB não se tornou o maior Partido do Ocidente, nem mesmo do Brasil

Mas quem contar a história de nosso povo e seus heróis têm que falar dele.

Ou estará mentindo. (Ferreira Gullar)

Aracaju

Junho de 2016

Resumo:

O objetivo deste que nos ocupa é corroborar através de pesquisa bibliográfica, jornais, e da história oral sobre o referido contexto (1936-1964), as lutas do movimento operário sergipano, e, a atuação ativa do Sr. Lídio Santos e outros contemporâneos seus que foram olvidados por seus sucessores e, como estes, mudaram o foco das lutas e as respectivas estratégias de atuação, despencando para uma ideologia pequeno-burguesa e abandonando peremptoriamente as fábricas e seus respectivos sindicatos. Pois, uma vez emergindo das universidades não mais tinham campo de atuação, destarte, o abismo que obsta essa geração de 60 para a maioria da população brasileira é enorme. Com isto, formou-se no velho Partidão os intelectuais de mesa de bar, de escritórios, de gravata, numa discrepância insofismável do objetivo motriz do PCB quando fundado basicamente pelo operariado mais singelo no início da década de 20. Mostraremos a resistência de seus militantes e os mecanismos de sobrevivência e enfrentamento ao sistema, que mesmo na clandestinidade do período populista conseguiram eleger quadros importantes militantes do Partidão e oriundos dos movimentos sociais, usando outras siglas, uma vez que o PCB estava ilegal. Os métodos de procedimento são Estruturalista, com abordagens dialética, hipotético-dedutivo e indiciário.

Introdução:

O presente Artigo terá como norte analisar a dinâmica dos primeiros movimentos sociais com seus principais atores (líderes) em Sergipe, que fora capaz de subverter os ditames da ditadura do Estado-novo até 1964. E, assim, mostrar como alguns destes foram (são) vilipendiados por sua geração sucessora que adentrara o PCB somente na segunda metade dos anos 60, e, que participaram do Movimento Estudantil, sofrendo sérias consequências com a eclosão do Golpe de 1964. E, por isto, apropriam-se da história do velho Partidão para se autodenominarem mecenas desta história (a vanguarda do Partido) e, que, sua classe precisamente (de “intelectuais”) fora a grande responsável pela derrocada da ditadura civil militar nos anos 80.

O objetivo central deste é confirmar a força e a dinâmica do Partido Comunista do Brasil (PCB) em meio aos Movimentos Sociais em Sergipe no período populista até a eclosão do golpe de 64; e, mostrar como peças importantes deste, como o caso de Sr. Lídio Santos tiveram toda a sua trajetória de lutas silenciadas pela vaidade de sua geração posterior que militara no Movimento Estudantil dos anos 60, talvez para não ofuscar o fulgor exacerbado que hoje seus partícipes apregoam a este, dando conotação deturpada do desenvolvimento natural da história em sua dinâmica frenética e infrene pelo nível de maturidade dos Movimentos Sociais conquistados desde as décadas de 20 à 60 pelo PCB, com seus hercúleos atores, dentre estes destacar-se-á tanto aqui quanto no Rio de Janeiro, no seu exílio o senhor Lídio Santos. Assim como enfatizar relatos de pesquisa oral (entre estes um lúdico passeio de sua briosa fuga pelos rios de Sergipe na eclosão do golpe de 64) que o autor obtivera com o Sr. Lídio Santos e alguns seus familiares.

Buscamos valorizar as contribuições legadas pelos primeiros comunistas sergipanos, corroborando a força e a eficácia dos movimentos sindicais em Sergipe e, que em meio à tamanha adversidade foram exitosos em sua

dialética de resistência e de conquistas sociais e até mesmo eleitorais, coisa que sua geração posterior, os intelectuais, fracassara no Estado de Sergipe.

Na realidade, tentava-se a formação de uma aliança de classes e setores sociais supostamente possuidores de interesses e reivindicações comuns, na luta contra o imperialismo e o latifúndio e pela democracia. Entretanto, não se levava em conta algo que o conceito de bloco histórico, proposto por A. Gramsci, pressupõe: o momento político dessa aliança: “Sua constituição está assentada em classes ou grupos concretos definidos pela sua atuação na sociedade, mas as ideias cumprem um papel fundamental no que se refere à sua coesão”. Em outras palavras, no bloco histórico há “uma estrutura social – as classes e grupos sociais – que depende diretamente das relações entre as forças produtivas; mas também há uma superestrutura ideológica e política” (BIGNAMI, apud PRESTES, s.d., p. 27). Gramsci escrevia nos Cadernos do Cárcere que, segundo Marx, “uma persuasão popular tem, com frequência, a mesma energia de uma força material”. Tal afirmação segundo o filósofo italiano: “Conduz ao fortalecimento da concepção de ‘bloco histórico’, no qual, precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais”. (GRAMSCI, apud PRESTES, 2012, p. 81).

Usamos na elaboração deste artigo, os métodos de abordagem dialético e hipotético-dedutivo, e, para análise das fontes utilizamos o método indiciário de Carlo Ginsburg, e, partimos com o cuidado das fontes sob o olhar de Sidney Chalhoub. Além dos pesquisadores ALVES, ARAÚJO, DANTAS, PRESTES e SANTOS que estão sendo confrontados por terem seus respectivos trabalhos especificamente nesse recorte espaço-temporal que estamos abordando.

No dia 31 de março de 1964, as forças armadas brasileiras, a mando dos grupos capitalistas dominantes do Brasil, deflagraram o golpe militar que tinha por objetivo derrubar o presidente João Goulart. Este que, democraticamente estaria cometendo o “pecado” de propiciar excesso de liberdade aos trabalhadores brasileiros. Pelo menos, é o que afirmavam os presidentes da União Democrática Nacional (UDN) e, do Partido Social Democrata (PSD), ambos da direita reacionária e conservadora. Obviamente sustentados pelas elites detentoras do poder econômico dentro de um regime capitalista selvagem e ultrajante.

Como as forças armadas eram comandadas por oficiais oriundos das classes média e alta e não do proletariado, a repressão se sentia mais intensamente pelo sempre sofrido e aviltado povo brasileiro.

O presidente João Goulart tinha fortes vínculos com a classe trabalhadora, enquanto os udenistas e pessedistas insuflavam a população no sentido de apoiar o golpe militar, tendo por trás de tudo isto o imperialismo Norte-americano, com sua política intervencionista, faria de tudo para malograr a consecução de um Estado democrático de direito no Brasil, e, conseqüentemente, o pânico deste vir a se tornar um aliado da ilha de Fidel Castro que expugnara recentemente o comando de Cuba. Pois, peremptoriamente, se isto acontecesse a ruína de expansão do regime capitalista estaria deflagrada; uma vez que o Brasil por suas dimensões continentais tornar-se-ia uma nova China.

Em 1947, o jovem engenheiro José Rolemberg Leite assumira o executivo do Estado de Sergipe, bastante conservador, mantivera praticamente a mesma estrutura político-administrativa do Estado Novo e, fazendo do nepotismo uma constante em sua administração, apesar de ter sido eleito pela coalizão PSD/PR. Fora esta, que nesse ano de 1947 conseguira sufragar em maior número de votos o seu maior adversário em comum: a UDN, conseguindo eleger a maioria dos vereadores e prefeitos em outubro deste ano. Porém, diferindo dos demais governos pela imensa influência da igreja

católica. O que, simbioticamente, presava pelo recrudescimento do sistema e dificultando o desempenho das mobilizações sociais.

Nestas eleições, o PCB apoiou Luiz Garcia (irmão de Robério, Carlos e Antônio, os dois primeiros comunistas declarados e o último socialista democrático. (DANTAS, 2004, p. 134) ao Governo do Estado, fora quando os sindicatos e grande parte da esquerda fizera uma passeata pacífica, quando, recebera a notificação do oficial de dia do Palácio Olímpio Campos, que o governo não permitiria a presença dos comunistas na praça, e, que os mesmos fossem para as imediações da Ponte do Imperador. Mas, chegando a noite, o palanque dos manifestantes fora destruído; o que gerara revolta em todos que ali estavam com fins amistosos numa singela reivindicação. E, todos saíram de lá em direção à Rua João Pessoa, e, em coro, todos bradavam: viva a democracia, viva ao povo brasileiro! Porém, as forças governistas continuaram em suas austeras arbitrariedades e, a maioria dos manifestantes foram barbaramente agredidos em frente ao Cine-teatro Rio Branco. Inclusive, aqui tombara sem vida o camarada Anísio Dário, pai de nove filhos (SANTOS 2001).

O governo de coalizão PSD/PR proibiu em Aracaju, inclusive, um comício pacífico. Quando os comunistas combativos tentaram realizá-lo, o esquadrão da cavalaria investiu contra a massa no sentido de dispersá-la e um tiro atingiu um militante comunista: Anísio Dário, que logo faleceu, enquanto vários de seus correligionários eram presos. (DANTAS, 2004, p. 122).

Em tempos de coronelismo, os crimes, principalmente contra os pobres ou, os dito “subversivos” ficavam impunes, pois, além da direita com seus grandes latifundiários, tinha-se as forças armadas, a igreja e, os capachos que viviam às custas do clientelismo ofertado como plataforma política desses influentes chefes locais que garantiam através do seu austero cabresto a eleição dos pretendentes do governo federal. Na morte de Anísio, a família e os

amigos nem sequer tiveram a permissão de despedirem-se do seu corpo inanimado com dignidade, nem mesmo o último adeus fora respeitado!

Quando os seus amigos e parentes conduziam o corpo dele ao cemitério se depararam com um verdadeiro aparato bélico militar: era o esquadrão da PM com a cavalaria equipada de fuzil e espada, como que se houvera declarado guerra ao corpo de Anísio Dário. (SANTOS, Lídio; id. p. 29)

Neste ínterim, a situação nacional também não era harmoniosa, em todo o país, sequestros, mortes, torturas e perseguições aos comunistas e, fechamento de jornais e sindicatos. A derrota da ala nacionalista do Exército, facilitou a exacerbação crítica ao populismo de Vargas. Com a outorga do governador setores do Exército insatisfeitos com os direcionamentos da política nacionalista de Getúlio, iniciaram sindicâncias em 1952 para apurar, inclusive, possível parcimônia entre oficiais do exército e os subversivos (uma vez que Sergipe tem uma tradição deveras conhecida de setores do exército se insurgirem quando insatisfeitos desde os anos 20).

Depois de inquirir oficiais do 28º Batalhão de Caçadores, e da polícia, investiram contra toda a sociedade civil e prenderam mais de 50 pessoas, entre as quais toda a direção do Partido. Entre eles, Lídio Santos, Antônio Bittencout, Agonalto Pacheco da Silva, José Nunes da Silva, Gervásio dos santos e Manoel Vicente do Nascimento.

Eu Ficara preso 58 dias, mandaram um cara com um documento, ai o diretor mandou me chamar lá dentro da penitenciária: Seu Lídio! – fale ai, eu disse a ele. “Não deixe eu mostrar a ele, o outro disse: não – “mas ele é quem fala pelos companheiros”. “Não, mas essa obra aqui um cara, um advogado escreveu, um culto ai da penitenciária escreveu, o senhor vai assinar e vai ficar em liberdade”. Eu virei: “Vai dar liberdade a mim? E os cinco que estão comigo aqui? Estávamos pregando a filosofia

socialista em praça pública e a polícia arrastou a gente... eu tou em liberdade, e eles? “Não se o senhor concordar e eles assinarem o senhor vai com eles, se o senhor assinar e eles não concordarem eles ficam”. Eu disse para eles: “Companheiros, a minha filosofia é essa, essa matéria que está escrita ai, eu preciso ler, lendo poderia dizer alguma coisa a vocês”. Ele levantou-se e disse; “não, o senhor não é para ele ler não...” (SANTOS, idem, 35).

Nas cidades, intensifica-se o trabalho de organização e conscientização. As articulações no campo sindical e partidário ampliavam-se com a atuação do Partido Comunista brasileiro, influente entre os comerciários, ferroviários, estivadores e trabalhadores da construção civil. Clandestino desde 1947, nunca deixou de estar presente nos principais movimentos populares do período populista. Em 1950, seus membros participaram ativamente da greve dos ferroviários, num tempo em que seu jornal, A Verdade, associava-se à apologia a Stalin, considerando-o “o maior gênio dos dias atuais, mestre, pai e amigo de todos os oprimidos”. Sofrendo repressão até 1953, o PCB continuou a atuar em diversas campanhas. A maioria, seguindo orientação da direção nacional, tais como a do Petróleo é Nosso, contra a participação do Brasil na guerra da Coréia, pela paz, mas também participava de movimentos sobre questões locais, entre os quais, aquele que reivindicava instalação da rede de água nos bairros. No início dos anos sessenta o Partidão persistiu atuante, participando das lutas políticas e sindicais, controlando a ASPES, associação dos funcionários públicos do Estado; a SUOF, Sociedade União dos Operários Ferroviários, o Sindicato da Construção Civil e o Centro Operário Sergipano. Somando-se a essas entidades, foi organizada a seção estadual do Comando Gral dos Trabalhadores em Sergipe (CGT-SE), que, sob a hegemonia do PCB, passou a desempenhar papel importante na coordenação da mobilização nacional. Neste momento, suas lideranças desfrutavam de grande visibilidade, mas na luta política a competição interna foi-se tornando cada vez mais forte entre as facções dos líderes trabalhistas. (DANTAS, idem, p. 156).

Lídio santos ficara conhecido a partir deste período como o “bicho-papão”, e, com o boato deturpado acerca do real propósito dos disfarces que ele usava para poder safar-se das perseguições policiais, chegara mesmo a povoar o imaginário de muitos que ainda não estavam acostumados com àquele homem com uma enorme “corcunda” (postiça), completamente desfigurado, em nada lembrando o cortês pescador e vendedor de mariolas que todos estavam familiarizados por aquelas ruas do Bairro Santo Antônio.

O cocadeiro é o mais antigo militante vivo em Sergipe do Partido Comunista do Brasil (quando o PCB ainda se chamava assim). Sua militância política faz parte da história nacional do partido. Para Lídio, o lendário Luís Carlos Prestes falou pouco tempo antes de morrer: “Se todos fossem como você, nosso partido seria vitorioso.” O homem que foi considerado “bicho papão” conta como foi o tempo em que viveu na clandestinidade. Gorbachev, dirigente soviético, em entrevista à revista Time, declarou: “Eu sou um comunista. Sei que essa declaração hoje em dia não entusiasma ninguém, mas também não deixa mais as pessoas em pânico.” Hoje em dia o mundo presencia mudanças profundas nos países comunistas. Para esse tempo, Lídio desabafa: “As cinzas de Marx foram desmoralizadas. O comunismo não preocupa mais a ninguém. Uma sociedade igualitária é um sonho que nunca foi nem será realizado. Como filosofia, sim, comunismo nunca terá fim. Se fosse começar minha vida novamente, seria diferente, pois hoje sei que os dirigentes políticos só pensam em mandar e enriquecer. Não me iludi com a filosofia marxista e sim com os dirigentes do partido. Melei muito muro, mas hoje já não faço mais. Nunca participei de qualquer movimento armado, pois a vida não se tira, se dá. Recusei o convite e a garantia de uma eleição para deputado estadual de Leandro Maciel, e assim o fiz por um ideal. Prefiro morrer pobre do que trair a filosofia marxista.” (SANTOS, 2004, p. 267).

Nos conta *Cerivaldo Pereira, que em um dos embarques que propiciara (com o fito de dar-lhe fuga) ao gentil “corcunda” na Leste para ir descansar uns dias em segurança no sítio de seu pai (Manoel Joaquim, amigo muito próximo do enfermeiro Bittencout, ambos da Leste Brasileira) em Boquim, que por sinal não era do PCB, porém, um homem com um profundo sentimento de justiça. Mas, quando o trem já está chegando à altura de Itaporanga D’ajuda, o inesperado: o corcunda de súbito tira o chapéu de palha que estava praticamente a cobrir o seu rosto, e, começa um discurso enérgico. Calado, Sr. Cerivaldo pensou; “merda! Acabou o disfarce!” E, fora isto mesmo o que acontecera; pois, o fato é que àquela voz já era por demais conhecida pelos populares, haja vista que, desde cedo Lídio Santos inflamava os ânimos dos operários sergipanos a reivindicar por melhores condições de trabalho e pagamento justo pelo seu labor:

Revoltado diante da exploração do homem pelo homem, no dia 30 de dezembro de 1935, convoquei uma reunião com os pescadores do Bairro Industrial, para lutar pelo direito de pescar nas salinas. Em decorrência disto passei a ser perseguido por gente ligada aos donos dos viveiros. As perseguições continuaram, mas não me intimidaram e resolvi seguir em frente, conseguimos na Capitania dos Portos, com a presença de mais de 80 pescadores, o direito de pescar nos viveiros, desde que com a autorização dos seus respectivos donos. (SANTOS, 2003, p. 15).

¹Dona Elza Araújo Amado (que inclusive, todos a conhecem por Rivanda, uma estratégia para sua proteção), esposa (viúva) de Sr. Lídio que nos contara dos absurdos que fazia para esconder-se, e, que uma de suas proezas era passar semanas e até meses enterrado em cavernas subterrâneas que ele mesmo construía, e, nali ficava muitas vezes sem conseguir nem ver a

*Cerivaldo Pereira, também era membro da direção do PCB, atuando nos bastidores na organização do Partido, pois, tinha como tarefa repassar as diretrizes da executiva nacional. Fora um dos poucos em Sergipe a participar dos VI e VII Congressos do PCB.

luz do dia, e, o mais curioso: esses esconderijos eram feitos justamente no bairro 18 do forte, onde fica localizado o 28º BC. Talvez por isto ele tivesse escolhido este Bairro (e pela facilidade de escavação devido sua geografia íngreme), para não levantar suspeitas, além de conhecer como ninguém aquela Região, pois, além de morar no Santo Antônio, servira muitos anos no Batalhão que fica próximo.

Aos vinte anos corri sérios riscos nas portas das fábricas falando aos meus companheiros operários, conclamando a união de todos na reivindicação por melhores salários. E isso na frente dos jagunços do patrão. Certo dia no bairro Siqueira campos, às quatro horas da tarde, nós fomos cercados pela polícia do governador Arnaldo Garcez. Eu e mais quatro companheiros, fomos presos. Fiquei dentro de um quarto que, segundo vim a saber depois, tinha servido como depósito de corpos e bagagens das vítimas de um acidente aéreo ocorrido num manguezal de Aracaju, onde hoje é o Bairro Bugio. (Lídio Santos).

Neste contexto, o PCB estava em ascendência na política sergipana; os operários clamavam por melhores condições de trabalho e um soldo que satisfizesse suas necessidades mais prementes. Logo, entenderam que a melhor maneira de serem atendidos era organizando-se em associações e sindicatos. Com isto, o PCB ampliava o seu raio de ação em meio aos mais humildes e seus líderes tornavam-se conhecidos ante a população, que migrava do campo sem cessar para as zonas urbanas do Estado e para o Sudeste em busca de trabalho para sobreviverem. Assim, multiplicava-se as fábricas e, com isto o operariado, principalmente em Aracaju, São Cristóvão, Propriá e Estância. Então, as elites começaram a preocuparem-se, pois, em 1945, o candidato a presidência da república (Iêdo Fiuza) pelo Partido Comunista já houvera sido o mais votado aqui em Sergipe, e, em 1947 o PCB

¹ Dona Elza Araújo amado, vivera com ele os últimos 50 anos de sua vida, e, desse matrimônio tiveram 5 filhos, quais, viveram muitos anos na clandestinidade em Niterói-RJ, até poderem voltar a Aracaju após a Anistia em 1979.

elegera um deputado estadual e logo depois, em outubro, um vereador em Aracaju. Assim seguindo as diretrizes da campanha anticomunista a nível nacional (com o apoio irrestrito da igreja católica), O PCB tem o seu registro cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral, e, seus parlamentares foram cassados em janeiro do ano seguinte, quando os sindicatos, principal meio de difusão (e articulação) já encontravam-se na ilegalidade (DANTAS, 2004).

Revoltados, em 1937, no 20º BC chegaram três rapazes fortes, um moreno, um claro, e outro quase mulato, em cima de um caminhão, só de calção. Eles três vieram amarrados no caminhão, e ficaram no 20º BC, foram para a cela, espancados barbaramente, todas as noites eu era rancheiro do Batalhão, na segunda semana fui escalado para dar comida na cela a eles três, e as lágrimas caíram dos meus olhos, sem o grupo que me conduzia levar, porque ia um sargento, um cabo e três soldados, numa distância de dez metros ficavam lá e, eu rudiava pela cela, seis celas no 20º BC, naquela época todas com 80 cm de largura, um trilho aqui, outro na parede; que tinha 20 cm, de um trilho para o outro 20 cm, de outro trilho para a parede 20 cm,, (SANTOS, idem, p. 55)

Estes três rapazes se reuniram com o Sr. Lídio no Bairro de Mangabeira no dia 6 de janeiro de 1936, essas reuniões, como narra Sr. Lídio, “era pra fazer instruções (saber as diretrizes traçadas pela direção nacional, definir seu raio de atuação)”, eram tempos árdios, pois no ano anterior (1935), havia sido malograda a chamada “Intentona comunista”. Esses três rapazes vieram a óbito devido aos maus tratos sofridos nas dependências do 20º batalhão de Caçadores. Por motivos de segurança era comum aos partícipes do PCB não relacionarem-se com seus nomes de registro, quando muito usavam um cognome, para não serem identificados nem mesmo nas agruras das torturas.

Sr. Lídio e seu tio paterno, que também pertencera ao Partidão fugiram, o seu tio fora para Amazônia ser seringueiro (ocupação que estava em alta a época devido ritmo intenso para os padrões do contexto da industrialização e a

exportação da borracha para as fábricas automobilísticas), Ele era da direção do Partido em Maceió, e, recrutara Sr. Lídio para o PCB. Esses três rapazes, diz Sr. Lídio, trabalhavam na fábrica de Rio Largo, acima de Bebedouro zona rural de Maceió. “Com raiva eu fiz um juramento a mim próprio: vou seguir o caminho desses cara até a morte, e, por isso me filiei ao Partido Comunista do Brasil (PCB).” (SANTOS, 2003, p. 17).

O curioso é que no início de 1937, Sr. Lídio fora preso pela primeira vez por seus atos “subversivos “nas dependências do 20º BC em Maceió. Um ano após engajar nas fileiras deste Batalhão, neste permanecendo até transferir-se em 1943 para o 28º BC, em Aracaju, onde entre outras coisas, vendia mariola nos horários vagos para sustentar sua prole.

Um motivo de natureza estritamente econômica ajuda a entender a sua decisão: para muitos jovens do interior, ingressar no exército significava arranjar um emprego e escapar assim a uma vida de muitas privações. A própria História do PCB reflete isso: Gregório Bezerra, Severino Theodoro de Mello, Renato Oliveira da Motta, Agliberto Vieira de Azevedo, Dinarco Reis, e o próprio Luiz Carlos Prestes, dirigentes comunistas dos mais respeitados, tinham em comum a mesma origem humilde e militar. (ALVES, 2003, p. 26).

É bom lembrarmos que fora o exército que depusera a monarquia no Brasil e instalara a República, foram os tenentes os primeiros a incendiarem a República Velha, ansiando consolidar os direitos de sua classe e da burguesia, para romper definitivamente com os grilhões do latifúndio, em que se assentava a política coronelista do Café com Leite, e, diga-se de passagem totalmente concentrada no eixo sudeste do país. Logo, inebriados com esses fatos e, com o sucesso da Revolução Bolchevique de 1917 na Rússia; esses jovens só poderiam visar no exército um ambiente de profunda efervescência democrática. Outro camarada de Sr. Lídio no Partidão, Giocondo Dias, mais tarde secretário Geral do Partido, substituindo Luiz Carlos Prestes, e, que, Sr.

Lídio tivera uma convivência íntima com ambos, no momento de sua clandestinidade no Rio de Janeiro, onde Sr. Lídio também fora bastante atuante após a eclosão do golpe de 1964. Pois, lia-se nas paredes do 21º BC. Do Recife: “viva ao comunismo, viva a Luiz Carlos Prestes”, e, no 28º BC. Sr. Lídio pichava (talvez trasladando essas provocações dos outros Batalhões do Nordeste) “viva a revolução, abaixo a ditadura”! E, com isto, o Sr. Lídio aumentava o furor dos militares contra si, que, escorregadio como o era, e, conhecendo a fundo todos os rios e lagoas do Estado, chegava ao ponto de resgatar suas canoas a nado (subtraindo-as sorrateiramente) quando apreendidas pela Capitania dos Portos.

Sempre me pergunto o que foi que fiz contra o meu país? O meu Brasil, para ter sido tão vilipendiado em meus direitos naturais de cidadão honrado e fiel cumpridor dos meus deveres cívicos. Recrutado pelo exército em 1937, fui um bom recruta no 20º BC de Maceió, em Alagoas, meu Estado natal. Servi na Primeira Companhia, comandada pelo tenente José Rabello. E, em 1943, fora convocado para defender a pátria. Comandado pelo capitão Odilon, executei exemplarmente todas as minhas tarefas. (SANTOS,2003).

O jornalista Paulo Barbosa, uma das vítimas desse sistema de exceção implantado em nosso país também estava preso nas dependências do 28º BC e presenciara a chegada de Luciano Moraes naquele recinto e narra sem citar o seu nome e tampouco o de seu pai, de maneira sucinta descrevendo como (segundo ele) se dera o batismo daquele jovem sonhador que havia sido, inclusive, presidente do grêmio estudantil do colégio Tobias Barreto e vereador eleito pelo PR aos 17 anos de idade (motivo pelo qual não pudera assumir quando descobriram que ainda era menor), incentivado por Robério Garcia, que acreditava em seus discursos inflamados para convencer a juventude; o que de súbito, não contara com o apoio do seu pai, que, fisiologista como o era, optara por Agonalto Pacheco seu camarada de Partido, que também fora

eleito vereador em 1962. Em sua singela descrição acerca de sua detenção Barbosa relata:

Ele era um estudante bem desligado, filho de um militante da esquerda sergipana que tinha pegado a “ressaca” anterior e desta vez resolveu desaparecer! Pois bem, o filho do subversivo desaparecido estudava em uma escola no centro da capital, onde também estudava uma patricinha do Bairro Santo Antônio. Até ai tudo bem, fizeram-se de amigos, e os papos evoluíram de tal forma que logo estavam namorando na casa da moça. O namoro estava ficando sério e o pretendente não era do acordo da família. Nas conversas com a namorada, o jovem estudante resolveu dizer que estava lendo um livro de psicologia, que era de um autor alemão, mas que tinha uma visão de sexo distinta. A jovem se interessou pelo assunto e começou a fazer uma leitura a dois do livro que tinha até uma boa aceitação por parte da classe média... (ARAÚJO, 2010, p. 231).

Contrariando essa tendenciosa narrativa feita pelo competente jornalista acima citado, extraímos um excerto do professor Ariosvaldo Figueiredo em sua História Política de Sergipe para elucidarmos este fato que fora olvidado e/ou tratado de soslaio por alguns companheiros de cárcere do 28°BC:

O Congresso Estudantil é interrompido, os estudantes, expulsos em 15/07/1963 da cidade de Lagarto, regressam a Aracaju, recebidos na Sociedade União dos Operários Ferroviários de Sergipe (SUOF). A convite do deputado Cleto Sampaio Maia, os estudantes, em 28/07/1963 vão para Propriá, dão continuidade aos trabalhos interrompidos em Lagarto. Em eleições diretas, livres, democráticas, eles elegem em Propriá, Pedro Souza, presidente e Alceu Monteiro, Vice, da União Sergipana dos Estudantes Secundários (USES), derrotam a candidatura

de Luiz Antônio Barreto que, ao vencer chapas de Félix Mendes, José Flávio, Marcélio Bonfim e João Augusto Gama da Silva é eleito presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Tobias Barreto, em substituição a Luciano Moraes. (FIGUEIREDO, s/d, p.26).

Aliás, é bom esclarecer que, camaradas à parte, existira uma luta de classes velada em meio ao Partidão. Uma vez que, não desmerecendo o fulgor das lutas travadas pelo Movimento Estudantil na década de 60, porém, nem por isto, devemos superestimá-los e, silenciar as demais pessoas que também tiveram participação ativa, mas, como no caso de Lídio Santos que não era acadêmico da UFS (pois os pobres nesse contexto não podiam se dar ao luxo de adentrar uma universidade, a fome urgia, as desigualdades eram ainda mais exacerbadas), e, por isto, terminara sendo preterido por essa geração de neófitos que fizera o movimento estudantil em Sergipe nos anos 60 (e talvez não tenha nem idéia da dimensão da luta dessa geração que os precedera) militando ou não no PCB, aliás, prisões essas que muitos se envaidecem de ter sofrido como que se fora um laurel, e, terminam por hostilizar os que dela se safaram. Porém, o que muitos esquecem é que esses humildes camaradas já estavam no Partidão muito antes do golpe de 1964, e, que o PCB nascera justamente nos embates nas fábricas, em meio ao operariado, lutando por melhores condições de trabalho e de vida para a população mais carente. Completamente órfãos de tudo naquelas longínquas décadas de 20, e, 30 a 45(quando Getúlio expugna o poder) e, 50 nas lutas pela plena democratização e pela fundação da PETROBRÁS.

Na ilegalidade desde 1947, nem por isso deixou de estar presente nos principais movimentos populares do período populista. Em 1950, seus membros participavam ativamente da greve dos ferroviários, num tempo em que seu jornal, A Verdade (23/12/1950), associava-se à apologia a Stalin, considerando-o o “maior gênio dos dias atuais, (...) mestre, pai e amigo de todos os oprimidos”. Sofrendo repressão até 1953, o PCB

continuou a atuar em diversas campanhas. Algumas eram orientadas pela direção nacional, tais como a do Petróleo É Nosso, contra a participação do Brasil na Guerra da Coréia, pela paz; mas também participava de movimentos sobre questões locais, entre as quais aquela que reivindicava a instalação de rede de água nos Bairros. (DANTAS, 2004, 156).

Em Sergipe, o número de prisões é um escândalo, o quartel do 28º Batalhão de Caçadores, pequeno para encarcerar “subversivos”, presos, de imediato, Geraldo Sampaio Maia, Ariosvaldo Figueiredo, José Alexandre Felizola Diniz, Gilberto Teles de Menezes, Gervásio Santos, *Pedro Hilário, Carivaldo Lima, Filemon Franco Freire, Manoel Franco Freire, Marcilon Pacheco, Oziel de Carvalho Dória, José Rosa de Oliveira Neto, Austregésilo Porto, Antônio Bittencout, Renato Chagas, Adalberto de Carvalho, Marcélio Bonfim, Jackson Sá Figueiredo, João Nunes, Zuleica Mendes, Maria Auxiliadora Rosal, Ari Silva Lisboa, Maria José Oliveira, Robério Garcia, Manoel Francisco de Oliveira, João Teles Menezes, Antônio Oliveira, Osvaldo Cattan, José Flávio Silva, Felix Mendes, Manoel Epaminondas Martins, Pedro Souza, Pascoal Nabuco, José Figueiredo, Cleto Sampaio Maia, Paulo Barbosa de Araújo, Noylio Alves dos Santos, João Santana Sobrinho, Marcos Mutti Pereira, Luciano Moraes, Edgard Ribeiro, Gil Cardoso Natureza, Carlos Roriz, Manoel Messias dos Santos, José Viana de França Prudente, Napoleão Gomes de Carvalho, Arli Silva Lisboa... (FIGUEIREDO, Op. Cit., p. 84).

Logo depois da visita do General Comandante da 6ª Região Militar, abruptamente morria Pedro Hilário, o herói da FEB. Morria em sua casa, de “morte natural”. Jamais se questionou que as formas de torturas porque ele passou, quando preso nas dependências do Quartel, ou a compressão que continuou a passar, acentuaram de forma extrema as suas deficiências físicas, sendo verdadeiramente esses fatos os responsáveis pelo seu passamento tão abrupto. (ARAÚJO, 2010, p. 256).

Antônio Barreto Cardoso, segundo tenente, dirige IPM sobre “ação agitadora, subversão e ato atentatório à segurança nacional, conclamações ao povo para movimentação armada e articulações de greves com finalidade de perturbação da ordem pública e social da nação” (aspas do autor); implicados Agonalto Pacheco da Silva, *Manoel Vicente do Nascimento, Robério Garcia, Walter Ribeiro, José Moreira Matos, Austregésilo Porto, Renato Chagas, José Nunes da Silva, Antônio Oliveira, José Rosa de Oliveira Neto, Lídio Santos, Pedro Hilário, José de Aquino, Paulo Barbosa de Araújo, Gervásio dos Santos (Careca), Edgard Ribeiro, Noilio Alves Santos, Antônio Bittencout, Manoel Franco Freire, Filemon Franco Freire, Fragmon Carlos Borges, Gilberto Teles de Menezes (Gilberto Burguesia), Hélio Nunes da Silva, Lourival Pinheiro de Melo, Nelito Nunes de Carvalho, José Viana de França Prudente, Luciano Moraes, Gil Cardoso Natureza, Eugênio Rodrigues carvalho, Napoleão Gomes de Carvalho, Marcilon Pacheco, Antônio Fernandes Viana de Assis, Guido Azevedo e Celso Viana de Assis. (FIGUEIREDO, Op. Cit., p. 94).

Em entrevista ao Jornal Cinform no dia 31 de março de 2014, o sindicalista Milton Coelho de Carvalho, um dos mártires da ditadura civil-militar implantada no Brasil, nos esclarece um pouco sobre essa figura emblemática que fora Manoel Vicente em meio aos movimentos de resistência em Sergipe, e, merece aqui o nosso destaque:

Aqui o Partido Comunista não era legalizado. Em 1954, dois candidatos comunistas - que usavam a legenda do PTB – iam concorrer à câmara de vereadores: Agonalto Pacheco da Silva (tentava a reeleição) e Robério Garcia, vice-presidente da Federação Sergipana de Desporto. O então prefeito de Aracaju José Conrado de Araújo, vetou Agonalto dizendo que ele não se coadunava com a administração dele e, por extensão, vetou Robério Garcia. Fora indicado outro comunista: Manoel Vicente do Nascimento (o Nuca Ferroviário), que foi eleito. Ele havia sido preso político em 1952, quando era tecelão da Fábrica Confiança no Bairro Industrial. Depois disto, ele foi trabalhar na Leste brasileira. Em 1964,

ele já era muito popular e, presidente da Sociedade União dos Operários Ferroviários (SUOF). (COELHO, Milton, Cinform, 31/03/64).

Por este excerto, nós percebemos a dinamicidade na política sergipana e os mecanismos que o PCB encontrava para burlar as sanções e, continuar sempre avançando nas lutas sociais e galgar assim, direitos importantes para os trabalhadores e para a população mais carente em geral. Concomitantemente à morte trágica de Pedro Hilário (que na realidade os oficiais perceberam que houvera excesso e, o soltaram para que o mesmo falecesse em sua casa, e, assim, não causar mais transtornos dentro daquele Batalhão e colocar em cheque perante a sociedade os seus meios espúrios de investigação), ficara-se sabendo do drama do sindicalista Milton Coelho de Carvalho, ainda nas dependências do 28º BC. , que, oferecera resistência para manter-se com os olhos vendados, e, de súbito, em meio aos interrogatórios, arrancara a “máscara veneziana”, conseguindo com isto, identificar seus algozes. O que levava os militares a castigá-lo ainda mais por tamanha petulância, e, numa ação que excede todos os níveis de barbárie, começaram a bater-lhe por repetidas vezes em seus olhos com o objetivo explícito de trucidar sua visão. (ARAÚJO, 2010, p. 237).

Quanto aos trabalhadores urbanos, no período de 1930/1945 haviam conseguido numerosos direitos, passaram a ampliar seu espaço na sociedade no processo de democratização. Não obstante saírem do Estado Novo relativamente desarticulados e divididos em alguns grupos, cedo foram tentando organizar-se, formando e fortalecendo seus órgãos de classe. Uma das categorias mais reivindicativas era a dos portuários, apesar de viverem momento de declínio de suas atividades. Os funcionários públicos também manifestaram-se bastante ativos. Criaram em 1946 a Associação dos Servidores Públicos de Sergipe (ASPES); suas lideranças envolveram-se nas atividades partidárias, especialmente do Partido Comunista Brasileiro. Mas, o cancelamento do registro do PCB, a

cassação dos parlamentares, a proibição em atos públicos e a intervenção em sindicatos levaram a um refluxo do movimento. (DANTAS,2004, p. 153).

O Sr. Lídio Santos, fora pescador profissional há mais de setenta anos, e, apesar de marxista convicto sempre acreditara que só lutando pela paz poder-se-á construir um mundo melhor. O mesmo conta que apesar dos mais sessenta anos que militara no PCB, jamais participara de um movimento armado (nunca acreditara na “força dos canhões”). As Forças Armadas, infelizmente, não são instruídas nesse sentido; diz ele:

“Elas são preparadas para o arbítrio, para a violência, na maioria das vezes fomentando a guerra fratricida e cruel. *“Não odeio os militares, apesar do mal que fizeram a mim e aos meus familiares, e, aos companheiros de partido e de ideologia”*. (SANTOS, 2003, P. 45)

Segundo Sr. Lídio, Jânio Quadros é o maior blefe da História recente do Brasil, prova factual que o povo tem deixado se levar por promessas enganosas de campanha, elegendo falsos salvadores da pátria. Contribuindo desse modo para a manutenção de tudo que ai está. Situação que só beneficia (ainda segundo ele) os magnatas e as grandes corporações que representam os interesses econômicos do imperialismo norte-americano; com sua política intervencionista a impedir que países em desenvolvimento se tornem independentes, livres das garras do FMI.

As perseguições aos seus familiares tiveram início na primeira semana do mês de abril de 1964. Uma viatura do exército estacionou à frente de sua residência, e, dela desceram os milicos que, sem pedir licença e sem mandado judicial, invadiram o seu lar, onde fizeram a maior devassa, como só os bandidos o fazem (exclama Sr. Lídio). Levaram todas as ferramentas de trabalho dele, os seus livros. O seu filho mais novo (fruto do seu primeiro

matrimônio), Lídio Santos Filho (que todos o conhecem ainda hoje como Dôfo, abreviatura carinhosa de Lindolfo, nome este que ele adotara, inclusive no meio familiar, para burlar as complicações e perseguições inerentes ao nome paterno) que estava tranquilamente lendo, sem qualquer justificativa recebera ordem de prisão; preso como um bandido e sem direito a apelação. Era assim que os “gorilas” (no vernáculo do contexto é uma referência aos militares) agiam e ai de quem se atrevesse a protestar!

Tudo muito aterrador e humilhante; surgia assim a sua primeira grande decepção. Sentiu-se diz ele, derrotado e impotente diante de tamanha arbitrariedade. Daí para a frente, passei a não confiar mais em ninguém que faça o uso de armas sob o pretexto de estar defendendo a pátria, o povo e as instituições democráticas; são uns enganadores! Todos eles (brada Sr. Lídio deixando nítida a indignação, que nem mesmo o correr de tantas décadas foram suficientes para delir de sua memória). Um fato importante pode corroborar muito bem o porquê dessa preocupação de Sr. Lídio em preservar a identidade de seu filho, segundo nos narra o próprio Sr. Lídio Santos:

Foi um cidadão que viu um grupo na manifestação dizendo-lhe: “vá chamar Lídio que quero falar com ele”, Wilson Moura é o nome dele, do Bairro Industrial (continua morando lá). “Pelo amor de deus Lídio se retire daqui que tem um grupo pra lhe matar”, e, eu então me enfiei em meio à multidão e sai na Avenida Rio Branco... E, mataram Lídio Paixão que morava na Rua de Bomfim... (SANTOS, 2003, p. 18).

Em Aracaju, a carta testamento de Vargas foi lida dramaticamente na Rádio Difusora, acompanhada de comentários sensacionalistas, apontando os udenistas e comunistas como responsáveis pela tragédia. As massas indignadas acorreram às ruas contra os supostos opositores de Vargas. Um popular (Lídio Paixão) foi assassinado na praça Fausto Cardoso. Casas de udenistas e o Jornal Correio de Aracaju foram depredados. Forças do Exército

intervieram e evitaram a invasão da Rádio Liberdade, veículo da UDN, e da residência de Leandro Maciel. (DANTAS, 2004, p. 128).

Não é fácil contar o número de presos e de injustiças cometidas pelas autoridades. Igualmente constrangedor é acompanhar a vida dos encarcerados, todos revoltados, uns traumatizados. São poucos os que enfrentam com lucidez a prisão imerecida. Há os desesperados, não comem nem dormem direito, consomem tranquilizantes, alimentam a ideia de suicídio. Quanto mais o indivíduo é na rua, sectário, agressivo, intolerante, mais fraco, tenso, apavorado, é na prisão. Há presos, contudo, conscientes, firmes, consequentes, Manoel Franco Freire, Filemon Franco Freire, Gervásio dos Santos, Pedro Hilário, e outros, fica-se sabendo na prisão, que Gervásio dos Santos (“Careca” da banca), dos Correios e Telégrafos, comunista contemporâneo de Sr. Lídio desde os anos 40, contribuía com 17 cruzeiros para o Partido, sendo 10 cruzeiros destinados a viúva de Anísio Dário. Perguntado certa vez, o que o fez ingressar no Partido Comunista, Gervásio Careca respondeu: “foi a polícia!” A revolta contra a violência e a injustiça faz de Gervásio dos Santos, exemplar militante do Partido Comunista. Antônio de Oliveira, preso em 04/07/1964, posto em liberdade em 14/08/1964, deu depoimento da maior seriedade em 29/07/1964: “diz que simpatiza com o comunismo, afirma que é marxista, que não pertence ao PCB e sim ao PTB, que é favorável ao voto do analfabeto, e, a favor da legalização do PCB, e, que é amigo pessoal de Agonalto Pacheco da Silva e Robério Garcia, velhos militantes comunistas. (FIGUEIREDO, s/d, p. 95).

Com a repressão, nem todos os seus principais líderes foram presos. O Comitê de Salvador providenciou a transferência de alguns deles, através de sua organização do Socorro Vermelho. O destacado líder operário, o vereador Manoel Vicente do Nascimento (Nuca Ferroviário), presidente da Sociedade União dos Operários Ferroviários (SUOF) e do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), foi levado para o Rio de Janeiro, e, de lá, foi para a Bulgária, somente foi preso posteriormente, quando retornou para o Rio de Janeiro, onde, encontrara-se em outubro de 1964 com o ativista (e pescador) Lídio Santos, seu camara de árduas batalhas em Sergipe, e, que fora alojar-se

em São Gonçalo com sua família esvaindo-se finalmente do Estado com o apoio do Socorro Vermelho, após hercúlea jornada de fugas exitosas para esquivar-se às perseguições do sistema. E, chegando ao Rio de Janeiro, através dos contatos forjados nos aparelhos do Partido, inclusive com o apoio de Luiz Carlos Prestes (que há muito já conhecia o talento de Sr. Lídio em inflamar os operários nas portas das fábricas), finalmente, consegue enviar seus filhos Luciano Moraes Santos e, Marlene Moraes Santos para a URSS, ficando em sua companhia apenas os menores, contraídos no seu atual matrimônio com dona Elza Araújo Amado.

Agonalto Pacheco da Silva, desde os anos 50 conseguira um eleitorado cativo em Aracaju, elegendo-se vereador por dois mandatos e fora liderança ligada ao funcionalismo público cortejada por muitos deste, também escapou à prisão nesses idos de 1964, graças aos esquemas do Partidão; em agosto fora para São Paulo, e, lá permanecera atuando com seus companheiros de militância, tornando-se uma das pessoas chegadas a Marighella (ainda no PCB neste contexto), um dos criadores da Aliança Libertadora Nacional (ALN). Também fugiu do Estado Walter Oliveira Ribeiro, membro do Comitê Central do Diretório de Sergipe, e, Cerivaldo Pereira (secretário geral do Partido), que a esta altura já tinha um fluxo intenso com o Comitê Central Nacional e, com o diretório da Bahia, uma vez que fizera sólidas amizades neste Estado, desde seu tempo de estudante do Curso politécnico da Bahia, onde fizera residência. No momento em que toma conhecimento que eclodira o golpe em 1964, através de sua sogra Maria Pureza da Conceição, que também era membro ativa do PCB, sendo inclusive, fundadora do sindicato das feirantes de Sergipe, abruptamente - nos conta Dona Marli Santos Pereira, viúva do saudoso Sr. Cerivaldo Pereira – este, cunhado de Milton Coelho e genro de Sr. Lídio Santos, imaginemos quão pequena ficara Aracaju para nesta permanecerem. Logo, seguiram as diretrizes de Dona Pureza e seguiram rumo à Campo do Brito (Agreste do Estado) para alocarem-se com mais segurança no sítio de parentes, até a poeira abaixar. (DANTAS, 2014, p. 130).

Mas, grande parte das velhas lideranças permaneceram em Sergipe, submetendo-se e respondendo a demorados processos que se arrastaram por

vários anos. Destas, podemos destacar o líder José Nunes da Silva, que conhecia os cárceres sergipanos desde 1935, e, também o major João Teles de Menezes, que, participara do Movimento Tenentista na década de 1920, e, posteriormente, ingressara às fileiras do PCB (seguindo o exemplo de Prestes). Algumas de suas casas, na periferia de Aracaju (lembramos que Aracaju por esses idos era um “grande” sítio), eram utilizadas como Aparelhos do Partido. Seguidor convicto do marxismo, voltou a enfrentar a prisão com a mesma altivez (apesar da idade avançada) que nas ocasiões anteriores sem jamais renegar seus ideais, porém, a resistência do seu nobre humanismo, seu sentimento inexorável de civilidade (DANTAS, 2014, p. 131).

O senhor Lídio Santos, esse alagoano de São Braz-AL, que migrara para Aracaju ainda criança com os seus pais, fugindo das agruras do coronelismo, deveras exacerbado em truculência e desigualdade social, e, a total incapacidade de ascensão do homem pobre do campo a uma vida digna. O Sr. Lídio que apreendera com a realidade leonina de nossa sociedade capitalista, mas, que, com a sobriedade que sua práxis vos outorgara, jamais usara deste empirismo perverso para praticar qualquer ato de violência contra seu semelhante, nem tampouco se escorara na hipocrisia inerte da religiosidade para locupletar-se ou, alienar-se. Ele sem dúvida é um dos heróis anônimos que tanto fizeram pela conquista da democracia em nosso país, e, não esperara nada em troca por isto, salvo, a consciência tranquila do dever cumprido, por não ter se vendido e se tornado mais um a explorar as chagas ainda por demais purulentas de nossa população.

Em emocionada exclamação de pesar pelo falecimento de Sr. Lídio Santos no dia 02/06/2015 (aos 99 anos), o vereador de Aracaju Max Prejuízo (neto de outro comunista histórico, Gervásio dos Santos) fez uso da tribuna daquela câmara de edis para registrar esta nota:

"Um cidadão que o povo de Aracaju conheceu nas ruas vendendo cocada e recitando versos para atrair a freguesia, mas que trabalhava seus ideais. Lídio pertenceu a uma grande geração, que dificilmente o povo brasileiro

terá de novo, que foi a geração do meu avô Careca, do camarada Bittencourt, de José Nunes e Luiz Pedro. Pertenceu a uma geração que se dedicou sem pensar em mandato. Eles não sonhavam em utilizar o parlamento, não sonhavam em ocupar o poder, mas faziam da sua batalha, da sua luta diária, a luta por uma sociedade justa e igualitária. Se hoje nós temos democracia é graças a essa geração", disse ontem em tom emocionado o vereador Max Prejuízo (PSB), na Câmara Municipal de Aracaju (CMA), ao lamentar o falecimento de Lídio dos Santos, conhecido como Lídio da Cocada, aos 99 anos de idade, nesta terça-feira, 2/6. O parlamentar enalteceu a trajetória de vida de Lídio da Cocada, que foi membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ingressou nas lutas operárias e lutou contra a ditadura. Foi perseguido, deixou o estado de Sergipe, e só retornou após a anistia. "Lídio da Cocada, assim como seus camaradas, foi um grande guerreiro que lutou pela democracia, contra a ditadura militar. Fez parte de uma geração que sofreu, foi presa e perseguida. E essa geração perde mais um importante membro, o combativo Lídio da Cocada, atuante militante da esquerda brasileira", disse Max. (PREJUÍZO, Publicada em 04/06/2015 às 12:48:00).

Sr. Lídio é o retrato de milhões de brasileiros, retirantes da fome que pletora no Norte e Nordeste(completamente abandonados (as) pelos poderes públicos), e, que, para tentar sobreviver, povoaram as áreas urbanas das capitais e, principalmente o Sudeste do país, já muito mais evoluído tecnologicamente, e, com grandes fábricas sedentas de mãos de obra para a árdua labuta; no início do Século XX, até meados dos Anos 80 deste mesmo Século, e, migração esta, que diminuía a proporção, mas, que não cessara até os nossos dias.

Dentro desse Partido (PCB), eu ganhei a maior fortuna da existência da humanidade: um pouco de cultura, ou seja, um por cento de cultura, eu ganhei dentro do Partido Comunista. Lá eu entrei para lavar tipo, arrumar

tipo, depois confeccionar os tipos, depois formar as frases do arquivo de Rui, de Roberto Garcia, irmão de Luiz Garcia que foi governo aqui. Prof. Manoel Franco Freire perdeu horas comigo, Carlos Borges perdeu algumas horas comigo me ensinando a ler e escrever. Então eles diziam: “esse menino é um fenômeno, é coisa fora de série!” Me tornei semi-analfabeto, comecei fazer revisão de matérias e, fazer artigos de jornal e depois o jornal entrou na clandestinidade, acabaram com o jornal, incendiaram, na Rua de Lagarto, o jornal e me jogaram na penitenciária. Ai, eu ia caçar com o professor Manoel Franco Freire num sítio chamado Maracujá, na Barra dos Coqueiros, sentava na areia e ai abria o livro Coração de Criança (primeiro livro de alfabetização do Brasil). Ai ele começava a mandar eu ler e, eu gaguejava como a peste, formar frases dava um trabalho danado, parecia uma ruma de pedra junta... (SANTOS, 2003, p. 17).

A Fuga:

Seguiremos a partir de agora com a narrativa empolgante do Sr. Lídio Santos (na íntegra) de como se dera a espetacular fuga do mesmo pelas terras e Rios sergipanos (antes de exilar-se no Rio de Janeiro, só retornando a Aracaju com a Anistia em 1979), assim que explodira o golpe civil-militar em abril de 1964 (pois, tivemos autorização dos familiares para isto) até ele conseguir sair de Sergipe com os seus familiares:

Meu filho mais velho ² (Luciano Moraes Santos) também foi preso nas mesmas circunstâncias, sob o arbítrio da repressão e levaram posteriormente a minha filha mais velha ³ (Marlene Moraes Santos) para depor a meu respeito e sobre as minhas atividades políticas. Queriam obrigar a minha filha a me

2-após sua prisão em 64, exilou-se na URSS onde formou-se em Serviço Social, hoje vive no Rio de Janeiro com transtorno de pânico devido aos traumas sofridos na adolescência.

3-Fora presidente do grêmio estudantil do Colégio Tobias Barreto e, eleito vereador pelo PR em 1962, e, exilou-se em Moscou após sua prisão em 1964.

Denunciar, dedurar-me, enfim, entregar o próprio pai. Tal e qual um pesadelo, senti-me acuado e caí na clandestinidade, deixando Aracaju para trás. Pois, já sabia que muitos companheiros tinham sido presos e torturados. Os torturadores queriam me pegar vivo ou morto, como se eu fosse um fora da lei. Diziam os militares, cambada de nazi-fascistas: que Lídio Santos era um elemento de alta periculosidade. Antes de partir, comprei uma lona para me proteger da chuva e do sol. Embarquei na minha canoa e saí rio afora, indo aportar em Riachuelo; da pesca tirava o meu sustento.

Uma semana após a minha fuga, certa feita, estava eu pescando milongo, quando dei de cara com um pescador de siri de mangue. Era um companheiro desconhecido, segundo vim a saber depois de longa conversação. Eu não o conhecia pessoalmente, mas, já tinha ouvido falar muito dele. Sua militância política era muito comentada àquela época. Ele confessou-me que nunca se filiara ao partidão, sendo, portanto, um comunista sem partido.

A certa altura já nos comportávamos como velhos amigos-camaradas, trocando confidências e falando sobre amenidades, principalmente sobre pescaria. Combinamos que eu pescaria à noite, de tarrafa, e ele, de madrugada, antes do sol raiar pegava o peixe. A noite chegou e eu comecei a pescar com a minha tarrafa, acima da Coroa Vermelha; às quatro da madrugada, eis que chega o meu companheiro pilotando a sua canoa, vindo do povoado onde residia, localizado entre Laranjeiras e Pedra Branca. O rio estava pra peixes e, pesquei mais de oito enfieiras de tainha.

Assim fomos vivendo durante três meses, até que chegou a época de moagem de cana no engenho onde meu amigo era empregado. Ele voltaria então a ser empregado e teríamos que nos separar. Ao chegar no porto tive uma grata surpresa: deparei-me com Nô, velho companheiro pescador com quem tinha feito parceria, pescando juntos, antes do fatídico golpe militar. Ele tinha dois irmãos, Nino e Inácio, também pescadores, que residiam em Aracaju. Nô disse-me que o exército tinha estado em Santo Amaro a minha procura, e, aconselhou-me a procurar abrigo no sítio Sapucaré, do outro lado do rio. Lá, segundo ele, seria mais difícil de os milicos me localizarem. Aceitei o

conselho e atravessei o Rio Canto do Nêgo. Concluí que lá eu estaria mais seguro realmente, porque, mesmo subindo o rio meus perseguidores não me alcançariam, por um simples motivo: as canoas andam só com a força do remo, e, na época, sem falsa modéstia, eu, Lídio Santos, era um grande remador.

Passados cerca de trinta dias de permanência no sítio, assustando o sogro de Nino, dono da propriedade e que lá se encontrava sem mais ninguém, gritaram para o velho: “O senhor está abrigando um comunista perigoso”; o pobre velho respondeu que nem sequer sabia o que era um comunista. O sujeito então replicou à sua maneira: “É um traidor da pátria”! No que o sitiante retrucou: “O que é um traidor da pátria?” E o sargento pilantra: “É aquele que deseja tomar o Brasil”. Nada mais absurdo do que isso.

Resultado: Vasculharam toda propriedade e não encontraram o denunciado. Eu estava a apenas 500 metros dali e eles não conseguiram me localizar. Só o rio Canto do Nêgo, os caranguejos, as garças, os sabiás e muitas outras espécies de bichos, sabiam do meu paradeiro porque conviviam comigo todos os dias, amenizando minha solidão.

No dia seguinte, Nô veio me contar tudo o que havia acontecido, nos seus mínimos detalhes, fazendo-me ver o perigo, caso eu insistisse em permanecer no local. Pernas pra que te quero? ... Vinte e quatro horas depois eu já estava no riacho Cabussú, em Santo Amaro das Brotas. Ali fiquei apenas uma semana. Tinha gente cortando lenha no mangue, não era lugar seguro para mim. Alguém poderia me reconhecer e me denunciar, mais uma vez esperei a maré secar e saí do manguezal com o dia amanhecendo, quando dei-me conta já estava na boca do rio Parnamirim, com as primeiras claridades do amanhecer. Segui a correnteza do rio, indo parar no primeiro riacho depois de um sítio chamado Pedrinhas, pertencente (que estranha ironia), a um sargento do “glorioso” exército, de nome José Alves. Claro, por aquelas bandas eu não poderia ficar. Duas semanas depois já me encontrava no porto do sítio de Pedrinhas. O sítio do sargento José Alves ficava a menos de 300 metros da barreira onde eu estava escondido como um cão acuado.

Um belo dia, escondido em ponto estratégico, eu vi descerem de uma lancha seis homens nada amistosos. O caseiro do sítio, que me conhecia desde há muitos anos, os recebeu e um deles foi logo perguntando: “O senhor conhece Lídio Santos?” O caseiro não se acovardou e disse um sonoro NÃO; eles então, foram embora.

À noite, eu já me encontrava no porto de Pedrinhas, e, dirigi-me à residência de Agostinho. Meu amigo, pescador como eu, e, logo saímos para pescar. Em clima de alegria e descontração. Depois, ele me disse que seis homens haviam estado ali, perguntando-lhe se conhecia Lídio Santos. Diante da negativa, eles entraram na lancha e se mandaram pros quintos dos infernos, de onde, aliás, não deveriam ter saído.

Continuei no rio Parnamirim por mais de um mês. Nunca deixei de dar peixes a Agostinho e seus familiares e, juntos, comíamos muita moqueca gostosa. Gente boa que só vendo!

Ao anoitecer de um dia muito triste para mim, fui me despedir dos amigos, Agostinho, a mulher e a filha deles. Nos abraçamos e eu pedi para eles que não rezassem por mim. Disse-lhes que bastava que eles repetissem todos os dias ao nascer do sol: Que Lídio nunca venha a ficar sozinho; sem Deus.

A bordo da minha canoa, ao chegar perto da boca do rio, fui surpreendido por um facho de luz iluminando a correnteza. Vinha de um barco onde homens, vestidos à paisana pareciam estar à procura de alguém. Como a luz não me alcançava, resolvi remar mais de cem metros até alcançar um riacho onde eu pudesse me esconder até a maré baixar. Logo, assim que a maré baixou, os homens seguiram rio acima e, eu, do meu esconderijo ouvi um deles dizer: “É no fim do rio”; e seguiram em frente.

Quando me senti seguro, saí do riacho, botei o pano na canoa, para em seguida, descer o rio Sergipe em direção à Boca da Barra. Não foi nada fácil; demorei para chegar na Coroa do Meio porque remava contra a maré. Dali para frente eu iria a favor da correnteza. Já no rio Poxim; remei das onze horas às cinco da manhã, quando atraquei no porto São José. Lugar deserto, meio esquisito, fiquei debaixo de um cajueiro, sondando o local. Como não vi

ninguém, desci da canoa e aproveitei para colher muitos cajus, enchendo com eles a cuia de tirar água da embarcação. Chupei tanto caju a ponto de botar o suco pelas narinas. Mas valeu a pena... êta fruta danada de boa! Fruta gostosa da minha terra, abençoada pela mãe natureza.

Agora só me restava procurar uma sombra para dormir sob sua proteção e descansar o corpo doído de tanto remar. Logo adormeci e, ao acordar, a tarde já vinha chegando. Resolvi seguir viagem, descendo o rio Santa Maria; foi assim que encontrei um bom lugar para mim, nas proximidades do município de São Cristóvão. Acendi o fogo, fiz café, assei uns milongos e alimentei-me com fartura. Saciada a fome, deitei-me para o merecido repouso, dormindo a noite inteira o sono dos justos. Longe do alcance das tropas de polícias (militar ou civil) e do exército. Todos à caça de Lídio Santos, para eles considerado um animal perigoso.

Ao acordar, cheguei à conclusão de que ali não poderia ficar. Seria fácil de ser encontrado pelos milicos, os meus incansáveis perseguidores. Precisava ir até o Mosqueiro.

Embarquei na minha canoa e, braços pra que te quero... segui para o povoado Pedreira, município de São Cristóvão, tendo à frente a Ilha do Veiga. Atraquei a embarcação e fui me deitar, que o cansaço era muito. Quando acordei o sol já estava se pondo. Esperei a noite chegar para seguir em frente. Durante os seis meses de clandestinidade sempre achei mais prudente navegar à noite, por motivos de segurança.

Era 7 de setembro de 1964, seis meses de fuga e de intranquilidade. Na Ilha do Veiga permaneci apenas uma semana. De lá, seguiria para a Ilha do Paiva, que fica em frente ao Porto dos Oitis, em Rita Cacete. Ali eu tinha um pequeno barraco onde guardava os remos e outros apetrechos da minha canoa. Evitava sair da Ilha porque os habitantes de Rita Cacete tinham por hábito catar sururu todos os dias no rio, nas proximidades do meu esconderijo.

Ali permaneci, no entanto, cerca de um mês. De lá, parti para a Ilha do Caboclo, entre a Ilha do Paiva e a fazenda do Rio do Colégio, cujo proprietário era Nicolás Mandarino. Depois de um mês, adoeci e fui forçado, dada a

precariedade da minha saúde, a deixar a canoa no Porto dos Oitis, onde situava-se meu barraco. Levaram a informação ao quartel do 28º Batalhão de Caçadores em Aracaju, Lídio Santos estaria a pescar todos os domingos, com o amigo Fausto José de Araújo. E levaram também o endereço de Fausto: Rua Tenente Dutra 211, Bairro 18 do Forte.

E lá se foram os milicos até a casa de Fausto, tentaram forçá-lo a me delatar. Queriam que ele dissesse onde eu guardava a minha canoa. O fato chegou ao conhecimento do então governador José Rolemberg Leite, cliente do Fausto. Explico: este era barbeiro e fazia a barba e o cabelo do governador em sua barbearia, então localizada na Rua Laranjeiras, vizinha à igreja do São Salvador. José Rolemberg exigiu, então, que os policiais não torturassem - como era de praxe - o meu companheiro Fausto. Mas, a minha canoa - que eles conseguiram localizar depois - foi por eles danificada. Não satisfeitos, destruíram também o meu barraco. Naturalmente com raiva por não terem conseguido me pegar.

Certo dia, recebi uma carta de Aracaju, que dizia: “você está na lista”. O cerco em torno de mim estava se fechando e, eu, sempre resistindo, sem nunca me intimidar diante da opressão e das ameaças. Aliás, até hoje, sinto-me como aquele jovem Lídio que, aos 16 anos, em plena adolescência, já tentava mostrar aos trabalhadores escravizados o caminho por onde poderiam alcançar a sua liberdade. Os anos porém, pesam muito e impedem-me de me engajar por exemplo, no movimento dos trabalhadores sem-terra, que lutam por aquilo que lhes é de direito: terra para o trabalho e não para a somação às custas da miséria dos seus semelhantes, como fazem os latifundiários deste país.

Sonhei que estava no céu

Os anjos todos me abraçando:

Seja bem-vindo, meu irmão,

Deus está te esperando.

Graças te dou, meu senhor
Por estar lúcido, ao seu lado
Se eu pudesse, desde já
Dar-lhe-ia outro recado.
Mas quero só falar de mim
Humilde e pobre pescador:
Durante o dia pescando...
E à noite fazendo amor.

Abracei a vida de pescador - por incrível que pareça – comecei a pescar em 1931, hoje, com 86 anos (2001), continuo pescando e fazendo outros tipos de trabalho para sobreviver, pois, a aposentadoria é pequena, não dá pra me manter. Como pescador profissional, durante mais de 77 anos pescando, nunca vi dinheiro na mão que me pudesse passar uma semana sem pescar. Profissão pobre e atrasada que me obrigava a fazer vários tipos de trabalhos.

Em 1936, fui convocado para servir ao exército, fugi para o Rio de Janeiro; chegando lá, fui trabalhar na fábrica de doce Ruthe, seis meses depois, chegava à porta da fábrica a escolta do exército me procurando. A moça do escritório mandou me chamar e, eu me apresentei, logo, o sargento me mostrou um ofício de busca.

A firma fez as minhas contas, deu baixa em minha carteira, e, eu fui parar na primeira informação de intendência em Realengo. Passado três semanas, fomos escoltados para o porto, eu e mais dois fujões. Um voltara para a Bahia, eu para Maceió e, o outro para Pernambuco.

O navio que iria nos levar era o Afonso Pena, navio do loido brasileiro. Ao chegar na Bahia, me despedi do companheiro Pela manhã, o navio do loido brasileiro deixava o porto da Bahia, era o Afonso Pena. No dia seguinte nós

íamos chegando ao Porto de Maceió. Encostava uma lancha com a escolta do exército pra me levar. A escolta, guiada pelo sargento subiu a escada do navio, entregou o ofício ao comandante, este assinou, eu desci a escada do navio e entrei na lancha rumo à terra. Lá tinha um carro do quartel me esperando. Neste, fomos rumo ao quartel do 20º BC.

Ao chegar no quartel fui bem recebido, escoltado para a 1ª companhia, e, apresentado ao oficial de dia. Os soldados olhavam para mim como se eu fosse um criminoso. Uma semana depois recebi o número 137; o sargento me chamara para eu trabalhar na cozinha; me deram um machado para cortar lenha para botar no fogão. Um mês depois, me deram farda, bota, capacete, meias, camisa e, tarefas para cumprir. Instrução pela manhã, o resto do dia, até a noite quando dava o café. Preso no quartel, levei mais de um ano na cozinha, e, no rancho, depois de mais de um ano de caserna me dispensaram, dando-me apenas uma passagem até Penedo. Daí, eu prossequira viagem por conta própria.

Em 1943, fora convocado para servir no 28º BC. Servir na 1ª Companhia, por eu ser reservista de 1ª linha, o comandante da 1ª Companhia era o capitão Odilon. O ordenado era pouco, só dava para passar duas semanas, e, o resto do mês tínhamos que passar fome. Conversei com a mulher: vamos fazer mariola para vender nas horas de folga? Assim fora feito, eu saia vendendo de companhia em companhia, ela concordara, logo, eu fora comprar a matéria prima para a nova empreitada, e, comprara açúcar e banana. Fizemos uma taxada de doce e no outro dia comecei a vender; não deu pra quem queria. O entusiasmo durou pouco; pois, logo chegara ao conhecimento do comandante do Batalhão.

Fui chamado a depor, me apresentara com o número 733, soldado da 1ª Companhia sob o comando do capitão Odilon. O comandante do 28º BC dissera-me para dar-lhe a mão, e, falando-me para ficar à vontade – quer dizer, em posição de descansar -. Indagara-me: O coronel me dissera que o oficial de dia fizera-lhe uma queixa e, eu como responsável pelo Batalhão mandei chamar-vos para saber porque você vende mariola dentro do quartel? E, eu

respondi-lhe: porque não tenho tempo de vender lá fora como queria. Você vive disso? Perguntou-me o comandante, eu respondera que sim. Então, o coronel dissera-me: Eu tenho uma boa informação do oficial da Companhia a seu respeito. Eu ficara um pouco aliviado; ele bateu a campainha e, o oficial de dia chegara. Ele ordenara ao oficial: leve o soldado a carpintaria e, diga ao mestre da carpintaria pra fazer 6 ou 8 caixas de madeira e botar junto à cada coluna da sacada do quartel, para os soldados quando acabar de comer a mariola jogar o papel na caixa que estiver mais próxima ao mesmo. E, dissera-me o coronel: Podes ir embora, Acompanhei o oficial, fomos a carpintaria, ele passou a ordem e voltara às suas atividades.

Lá na carpintaria tinha muito caixão vazio, e, eu disse ao mestre da carpintaria: Pode aproveitar esses caixotes que são feitos de tiras e, faz 8 ou 10 caxipós, o mestre disse-me: Boa ideia! Dois dias depois estavam espalhados no pátio do quartel para botar o lixo e não mais sujarem o chão. Como eu era casado, viera uma ordem para dispensar os reservistas.

Voltando agora aos equívocos do Partido, quais, assim como o eterno “Cavaleiro da Esperança” percebera à tempo de não deixar-se macular pela ignomínia do reformismo exacerbado proposta por essa nova geração, e, findara os seus dias de vida longe dos quadros do antigo Partidão, hoje PPS, assim também o fizera o astuto (com pouca escolaridade, porém, fiel aos seus ideais) Lídio Santos, que, por diversas vezes bradara sua indignação pelos meandros “pequeno-burgueses” (no seu vernáculo) que o Partido estava a trilhar. E, falecera em paz, à míngua num hospital público da capital de Sergipe aos 99 anos no dia 02 de junho de 2015 (porém, com sua mente revolucionária tranquila, por jamais ter se vendido), assim como a maioria dos camaradas de sua augusta geração, que, por ter origem humilde não obtiveram espaço em meio à essa imensa colcha de retalhos que fora costurada, defenestrando décadas de luta e, ao ascenderem socialmente após a derrocada da ditadura nos anos 80, os neófitos da geração de 60 esquecer-se-ia totalmente dos velhos camaradas que tanto os ensinaram com a sua práxis avassaladora.

Prestes percebera o perigo do reformismo no PCB, com o decorrente abandono dos seus objetivos revolucionários, e, embora reconhecesse mais tarde que também estivera influenciado por essas concepções, iria travar a luta pela sua superação. Esse combate teria lugar, primeiro, no âmbito da direção partidária, depois, rompendo com essa direção. Sua “Carta aos comunistas”, de março de 1980, formalizou tal ruptura, constituindo um marco em sua vida e na história do PCB, do qual foi secretário-geral por quase 40 anos. Naquele momento, Prestes agiu como diria anos mais tarde Georges Labica, conhecido filósofo e destacado militante do Partido Comunista Francês: “Deixei o Partido para continuar comunista” (Rodrigues, 2010, apud PRESTES, 2012, p. 14)

Referências Bibliográficas:

ALVES, Filho, Ivan; **Giocondo Dias, Uma Vida na Clandestini**Fundação Astrojildo Pereira, Brasília-DF; 2013.

ARAÚJO, Paulo Barbosa de; **Os Ícones de Um Terremoto**; Ed, Diário Oficial; Aracaju-SE; 2010.

DANTAS, Ibarê; **História de Sergipe República (1889-2000)**; Ed. Tempo Presente; Rio de Janeiro; 2004.

DANTAS, Ibarê; **A Tutela Militar Em Sergipe (1964-1984)**; Ed. UFS, São Cristovão-SE; 2014.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo; **História Política de Sergipe**; V volume; Ed. Diário Oficial; Aracaju-SE; S/D.

.....

PRESTES, Anita Leocádia; **Luiz Carlos Prestes: O Combate Por um Partido Revolucionário (1958-1990)**; 1 ed.; Ed. Expressão Popular; São Paulo; 2012.

SANTOS, Lídio; **Evangelho – Sopro de Vida**; FUNCAJU; Aracaju-SE; 2001.

SANTOS, Lídio; **Cordel Multimídia**; Ed. UNIT; Aracaju-SE; 2003.

SANTOS, Osmário; **Oxente! Essa é A Nossa Gente**; Ed. Ós; Aracaju; 2004.

Entrevista com Milton Coelho; **Jornal Cinform**; Aracaju-SE; 31/03/2014; p. 12.

Nota de Pesar de Vereador Max Prejuízo; **site: www.emmovimentosse.com.br**; às 12:48; Aracaju-SE; 04/06/2015.